QUE CAMINHO PERCORRES TU

SOFIA BEÇA

Colaboração sonora de Jorge Queijo
e fotografia de Rui Pinheiro

"Esta exposição é dedicada ao meu Rafael"

Galeria Municipal Vieira da Silva

Deambulando por caminhos e percursos trilhados por Sofia Beça

A programação da Rede de Galerias Municipais de Loures abriu, em 2019, com a exposição *Que caminho percorres tu* de Sofia Beça, exposição que nos permitiu trazer à Galeria Municipal Vieira da Silva uma forma de expressão artística, tão cara ao território como é a cerâmica, pelo histórico e herança deixada pela antiga Fábrica de Loiça de Sacavém e pelo seu fundador, Manuel Joaquim Afonso.

Foi por isso, para nós, uma honra poder apresentar, neste espaço nobre de Loures, os trabalhos de Sofia Beça, retrato fidedigno daquilo que a artista é, bem como de todo o seu percurso artístico e vivencial. Toda a sua realidade se encontra aí inscrita, impressa, incrustada. Natureza, paisagem, cultura(s), tradições, acasos, acontecimentos e as especificidades de cada lugar e povo com que Sofia se cruza nas suas deambulações e percursos.

Através dos seus trabalhos, Sofia conta-nos uma estória - a sua história – que nasce nas paisagens do norte (que percorre com a sua bicicleta), cresce da imaginação e criatividade da artista, ganha forma por meio de uma fenomenal destreza em combinar matéria, paixão e tempo... muito tempo, em frente ao seu fiel companheiro, o forno, onde coze as suas peças.

Esperamos, assim, com a apresentação desta exposição ter reiterado, uma vez mais, o nosso compromisso na promoção e divulgação da cerâmica contemporânea portuguesa, dando continuidade a um caminho há muito traçado por este concelho e que a Autarquia tem vindo a reforçar, através do apoio às exposições realizadas nas galerias municipais de Loures.

Não poderia deixar de endereçar uma palavra de apreço a Jorge Queijo e Rui Pinheiro, que aceitaram percorrer este caminho com a Sofia, apresentando também, neste espaço, os seus trabalhos que vivem em perfeita simbiose com a obra da ceramista e cuja presença tanto nos honrou.

O tempo não para e, muito em breve, assistiremos ao encerramento desta exposição. Por essa razão, e no seguimento daquela que tem vindo a ser a opção do Município de Loures, lançamos agora este catálogo, testemunho da exposição e do trabalho desenvolvido por uma das maiores ceramistas portuguesas da atualidade – Sofia Beça.

O vice-presidente,

Paulo Piteira

Cada um no seu mundo
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1200°, forno de lenha
62x70x6cm - 2018

Texto crítico de Alejandro Ratia

Deambular supõe caminhar sem propósito. Vários dos trabalhos mais recentes de Sofia Beça aludem a esta ideia. "Deambulando", por exemplo, é o título do políptico formado por quatro quadrados seguidos. Em cada um deles, as formas vão crescendo até ocuparem por inteiro o último deles.

Podemos interpretar esta obra como uma espécie de rio que se alarga, ou então podemos entendê-la como um túnel claustrofóbico, numa sequência cinematográfica de quatro estados durante a qual se assiste ao caminhante a chocar contra uma parede e a regressar, mas a regressar através de um caminho alternativo para, no final, a cobrir com o seu caminhar sujo e errático a superfície total do seu mundo. Um mundo que se reduz a esse quadrado, a que os passos dele acabam por dar uma forma viva. Em certa medida, toda a arte supõe a construção de um mundo. Um mundo que os outros são também convidados a habitar e que preserva uma relação metafórica com o real. Esse quadrado de grés é um microcosmos. O caminhar significa conhecer, ou seja, refere-se à linguagem. A palavra determina o conhecimento. As lajes paralelas de cerâmica que se organizam como gestos, delimitados em pinceladas, criam um caminho repleto de incertezas e de retificações.

Os artistas dão sentido ao seu deambular sem sentido. Caminhar é uma atitude ativa que se contrapõe à atividade passiva do olhar. A forma como Van Gogh pintava tinha algo que ver com esta ideia, ou também com a forma (que associamos a Pollock) de abordar as superfícies em sobrevoo, desenhando caminhos sobre elas. Sean Cubbit disse uma vez que "cabe aos artistas devolver ao caminho a sua profunda temporalidade, fazer dos sons e da textura da viagem uma negociação, um diálogo liberto do férreo governo da gramática pela necessidade de criar sentido e de fazer com que o termo 'sentido' inclua todos os sentidos". Uma das missões do artista é a de recuperar a consciência das distâncias, a de voltar a associar o caminho ao tempo

e de promover a proliferação de sentidos e possibilidades alternativas de recurso ao que, no final, acaba por ser um labirinto.
A alusão a esse sentido capaz de agregar todos os sentidos lembra-nos esse quadrado final, coberto de formas arbitrárias, do políptico de Sofia Beça.

Falamos de caminhos e falamos de tempo. Que Sofia seja ceramista nada tem de anedótico. No caso da cerâmica, o tempo é um fator tão importante como o barro e o calor. Na catalogação das peças faz-se referência ao tipo de barro, ao tipo de forno e até mesmo à temperatura. Falta apenas indicar o tempo. Esse tempo instala também uma incerteza. Olho para as fotografias que a Sofia me envia, vejo-a junto ao forno de lenha em espera ativa, uma espera que pode chegar às nove horas e que exige atenção continua. "Vou cortando lenha", conta-me ela, "e controlando o forno até chegar ao ponto em que não saio da frente dele nem por um segundo, para o ir alimentando". O tempo de arrefecimento é igualmente extenso.

Depois abre-se e descobre-se. A margem de erro é o que conduz ao acerto. A trabalhar nas suas peças deambulatórias, antes de as introduzir no forno, Sofia parece estar a regular o fluxo de diversas correntes de água, ou então do vento, algo intensamente dinâmico e que os dá a impressão de se imobilizar ao olharmos, uma vez que ele é uma expressão do próprio movimento.

Outra das peças intitulada "Deambulando" está delimitada por pequenos azulejos. O desenho composto recorda-nos os mapas e as suas curvas de nível. A artista transforma-se em topógrafa. Descreve ou inventa uma paisagem. E dentro dessa atividade topográfica encontra-se também a marcação de território através de marcos ou pontos geodésicos. Estas marcas modernas convivem com outras

mais tradicionais, muitas vezes ligadas ao culto religioso, como por exemplo cruzes ou estrelas. Uma das principais funções da escultura foi precisamente esta: a demarcação de limites. O que significa também dotar o território de um sentido, uma função primordial a que Sofia Beça regressa. Uma das suas obras mais interessantes intitula-se "Delimitação de Território", semelhante a uma alienação de menires, como o famoso alinhamento megalítico de Carnac, embora também existam alguns do género em Portugal. Estas "delimitações" marcam uma fronteira simbólica e podem servir para separar o profano do sagrado. É precisamente isso que acontece nesta obra. No entanto, em Trás-os-Montes, onde a artista cuida do seu forno de lenha, é ainda com pedras que se demarcam os terrenos. Poder-se-á aqui aludir a uma política do território, se aqui introduzirmos os títulos de propriedade ou os sinais de conquista. Todas estas peças são de sentido dual. Têm a forma de um marco ou de baliza. A metade inferior é lisa, a superior mais trabalhada. O motivo que a ocupa tem uma função semântica e pode ler-se como antigamente se liam os totens ou os brasões dos escudos medievais. Um desenho geométrico que deriva em código.

As dualidades abundam na linguagem artística de Sofia Beça. Quando decidimos que algo deve ser expresso em branco sobre negro, damos conta de que a linguagem necessita de um código dual. Em "Regresso às Origens" reinterpreta-se o motivo do tabuleiro de damas, próprio da tradição da azulejaria portuguesa. O monótono tabuleiro preto e branco cria um território virgem dentro do qual a linguagem pode jogar. Em "Marcamos em Par" cruzam-se dois motivos, o dos sinais, o limite dos caminhos, e o da dualidade. São como duas abas de duas cores. No limite, ou na encruzilhada, surgem muitas vezes os dilemas. Devemos escolher uma ou a outra cor, um ou o outro caminho da encruzilhada. Não obstante, julgo que Sofia Beça nos fala em termos de síntese ou de acordo. Em "És a Minha Sombra", a artista alude à necessidade

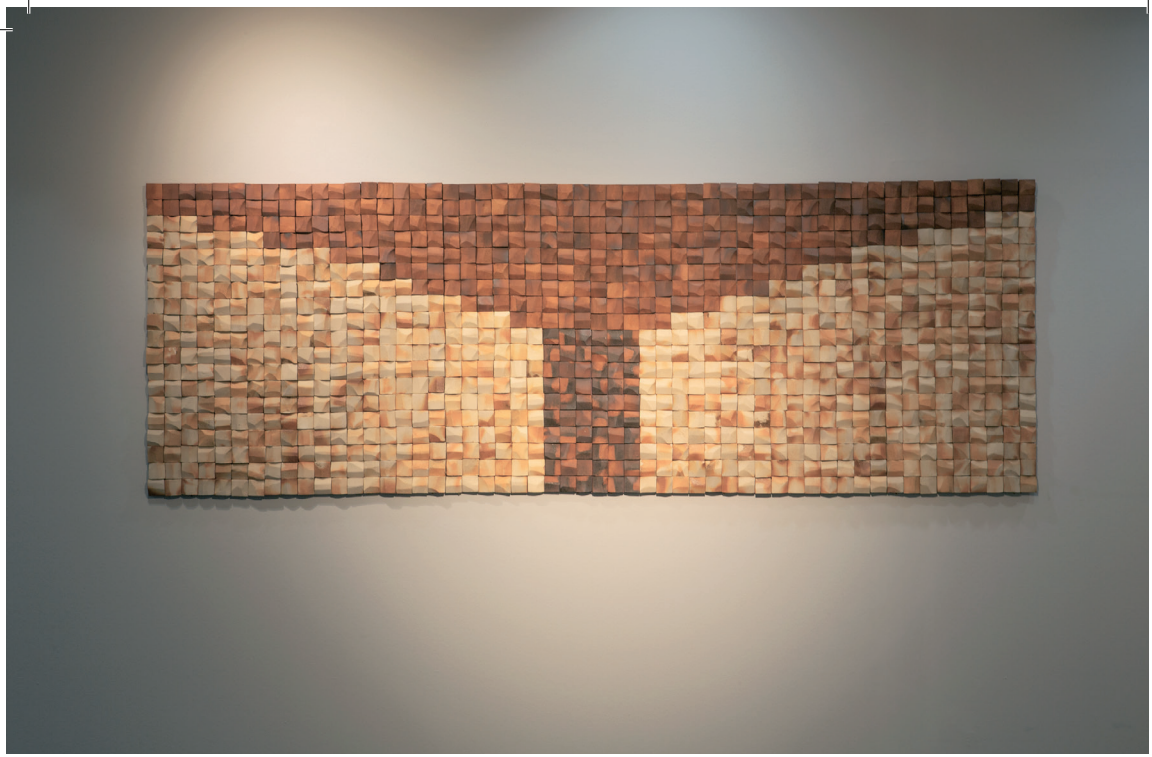
de lidarmos com o nosso passado, bom ou mau. Uma forma de superação por via da dualidade. O motivo do caminho tem também que ver com isto. Não importaria tanto a origem ou o destino como o percurso intermédio. A dimensão artesanal da cerâmica implica uma disciplina, um caminho de aprendizagem que nunca acaba.
Este princípio parece fazer parte da estratégia pessoal de Sofia Beça. No entanto, ela usa-o também em termos de linguagem, de modo a expressar conceitos ao mesmo tempo eficazes (ou concretos) e poéticos (ou ambíguos). O Tao assume que caminhar não é apenas marchar mas também parar: Uma questão dual: o yang como movimento, o yin como imobilidade.

O território pode ser transformado em objeto de sacralização, mas também de devastação. Os incêndios que ocorrem consecutivamente nas florestas portuguesas (e galegas) são um dos exemplos mais terríveis desta destruição da natureza. O ano de 2017 foi especialmente trágico. O fogo queimou uma imensa massa de floresta, destruiu casas e levou um número esmagador de vidas. A instalação "Floresta Portuguesa" é uma elegia dedicada a essas árvores e a essas pessoas. Apresenta-nos uma floresta de troncos segmentados e petrificados. Por entre os fantasmas das árvores, vemos uma fotografia de Rui Pinheiro que reflete vestígios da presença humana no meio da desolação. Esta obra, de ressonâncias trágicas, mostra uma vez mais que Sofia Beça é uma artista aberta à vida, que deseja firmar as suas experiências e os seus compromissos através da cerâmica, que se encontra aberta à experimentação e colaboração com outros meios e disciplinas, tais como a fotografia ou a música. O ambiente sonoro de Jorge Queijo surge como um elemento-chave neste projeto expositivo que também se quer coletivo.

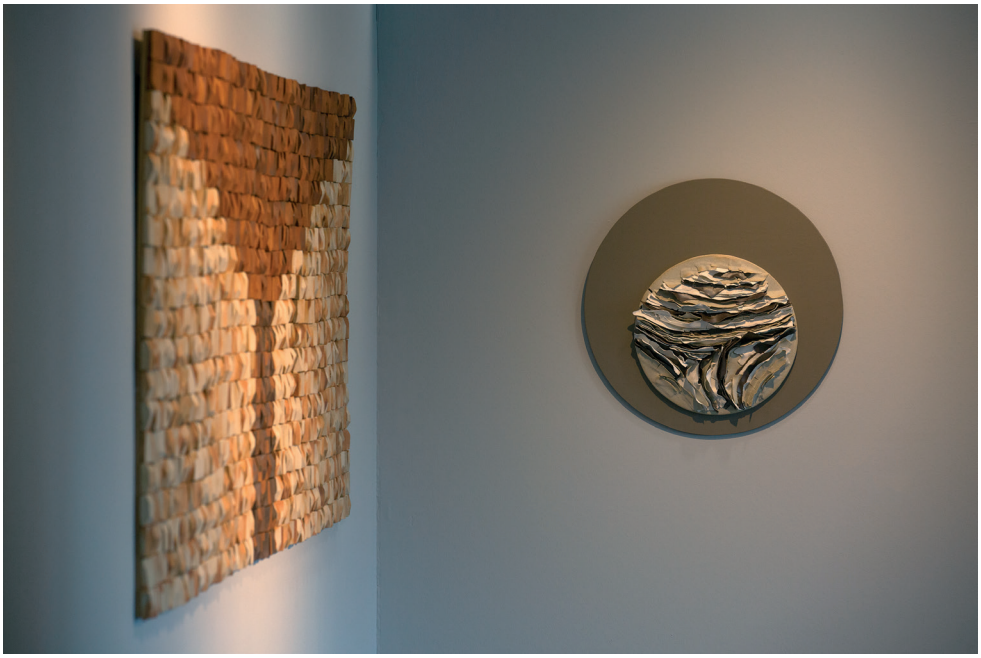
Sofia Beça não cessa de aprender nem de se mover. A experiência e a filosofia do Oriente foram integradas no seu trabalho, sobretudo depois da sua recente e intensa estadia na China. Duas coisas importantes regressaram com a artista depois desta viagem: por um lado, a experiência mágica da paisagem chinesa, em particular a das montanhas, e por outro lado, o uso da porcelana. Sob a epígrafe "Made in Jingdezhen", ela apresenta-nos uma série de peças feitas com este material, que até à data a artista nunca tinha usado. Jingdezhen é a cidade da porcelana. Grande parte da sua população dedica-se a esta arte. Sofia Beça recolheu ensinamentos dessa tradição, transladando-as depois para a linguagem contemporânea.

A artista reconhece a porcelana e introduz outras transparências, outras cores, mais suaves e mais abstratas, dando uma maior feminilidade ao seu trabalho. Também confessa que isto a conduziu a territórios mais próximos da pintura. Na China elaborou flores esquemáticas, feitas com gestos muito simples. Às vezes multiplica-as, outras, com grande subtileza, isola-as, sendo a protagonista da peça uma única e pequena flor. Introduz-se também o círculo como espaço e suporte, uma noção que está muita ligada à cultura chinesa. Entre as fotografias que Sofia Beça trouxe consigo da viagem, inclui-se uma coleção de portas redondas – as chamadas "portas-lua". Se grande parte do trabalho anterior de Sofia Beça se ancorava no Sol, e numa certa rudeza da luz e dos seus contrastes na superfície do grés, estas novas obras "chinesas" parecem ter sido elaboradas sob a influência alternativa da Lua.

Alejandro Ratia
Escritor e crítico de arte
Outubro 2018

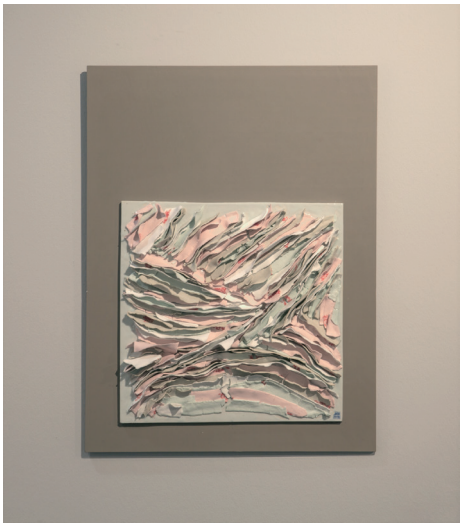


Vale
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1250°, forno de lenha
300x105x3cm - 2018

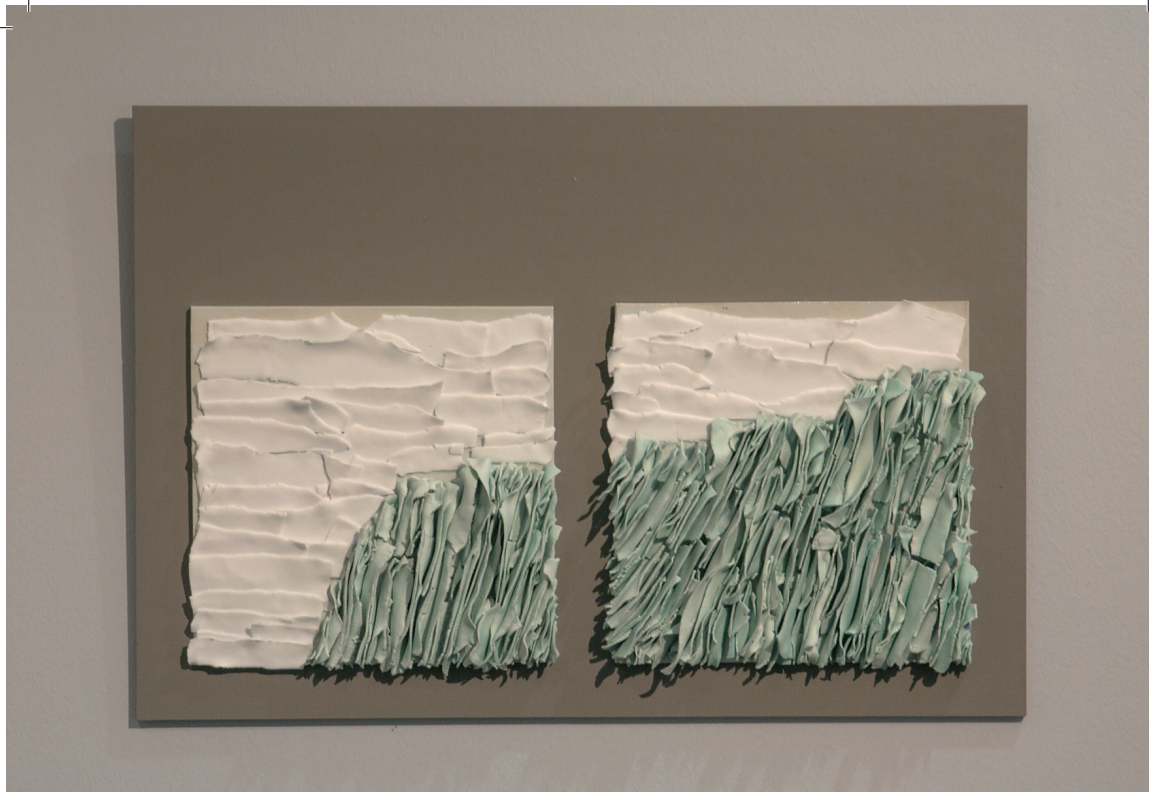


Galeria Municipal Vieira da Silva

Sedimentações chinesas - Made in Jingdezhen
Técnica da lastra, porcelana chinesa s/ madeira, cozedura a 1300°
70x70x6cm - 2018

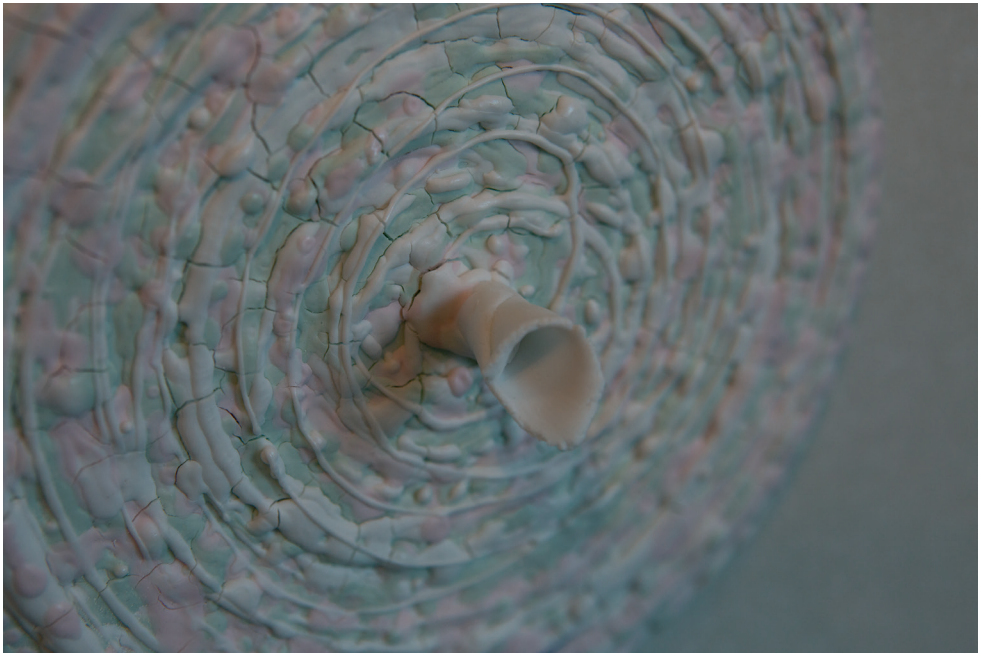


Sedimentações floreadas – Made in Jingdezhen
Técnica de lastra, porcelana chinesa s/papel e madeira
52x52x5cm - 2018



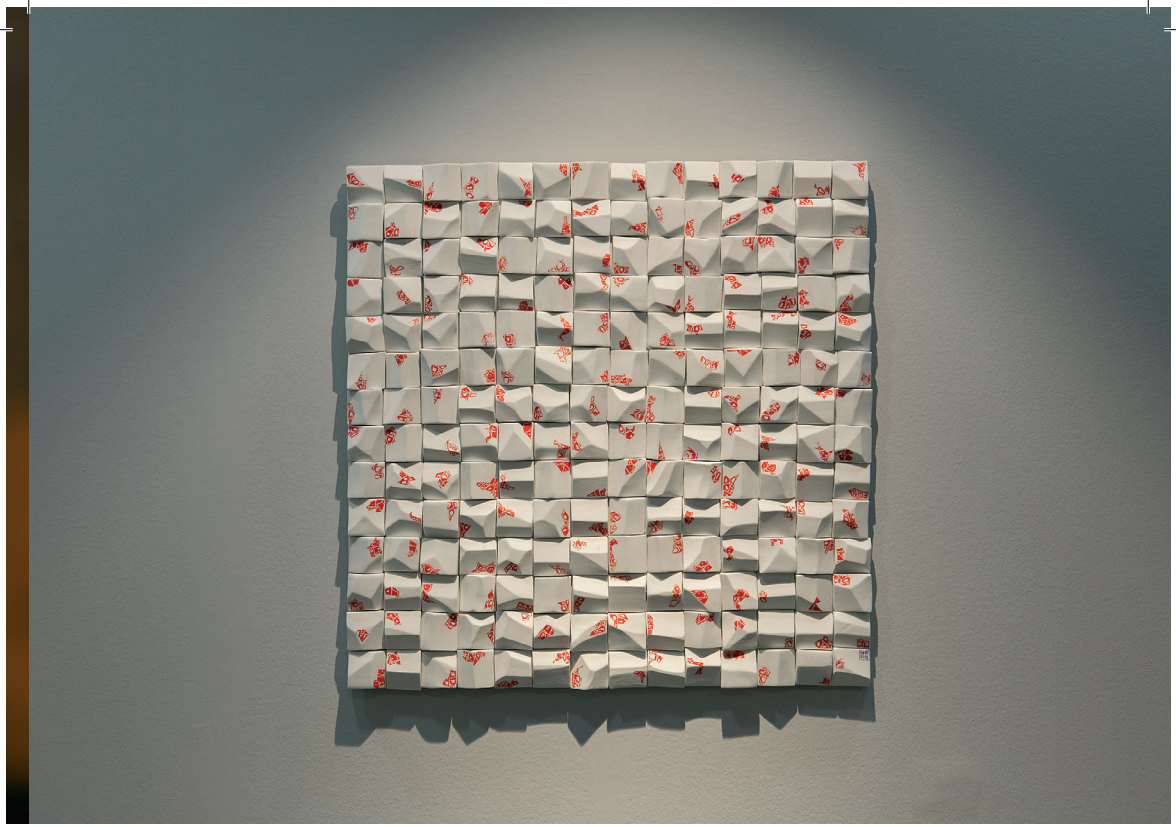
Montanhas - Made in Jingdezhen
Porcelana chinesa sobre madeira, técnica da lastra com cozedura a 1300°
80x55x6cm - 2018

Made in Jingdezhen



Galeria Municipal Vieira da Silva

Delimitação do território
Técnica do bloco, barro chamotado, cozedura 1000°, forno de lenha, com redução
55x15x300cm - 2005



Made in Jingdezhen
Porcelana chinesa s/madeira
80x60x6cm - 2018

Galeria Municipal Vieira da Silva

Galeria Municipal Vieira da Silva

Conquista IV (limite de uma propriedade)
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1250°, forno de lenha
62x37x20cm - 2018

Conquista (limite de uma propriedade)
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1250°, forno de lenha
62x37x20cm - 2018

Conquista I (limite de uma propriedade)
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1250°, forno de lenha
62x34x16cm - 2018

Marcamos em par
Técnica do rolo, grês, cozedura 1200°, forno de lenha
33x16x67cm e 33x14x68cm - 2017

Galeria Municipal Vieira da Silva

És a minha sombra
Técnica da lastra, grês, engobe, cozedura a 1250°
33x33x120cm - 2013

Conquista II (limite de uma propriedade)
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1250°, forno de lenha
62x37x20cm - 2018

Galeria Municipal Vieira da Silva

Galeria Municipal Vieira da Silva

Branco da China
Porcelana, técnica do bloco e lastra, cozedura a 1300°
46x8x7cm cada uma - 2017

Galeria Municipal Vieira da Silva

Montanhas
Técnica da lastra, grês, porcelana, cozedura a 1200° forno de lenha
240x80x4cm - 2018

Galeria Municipal Vieira da Silva

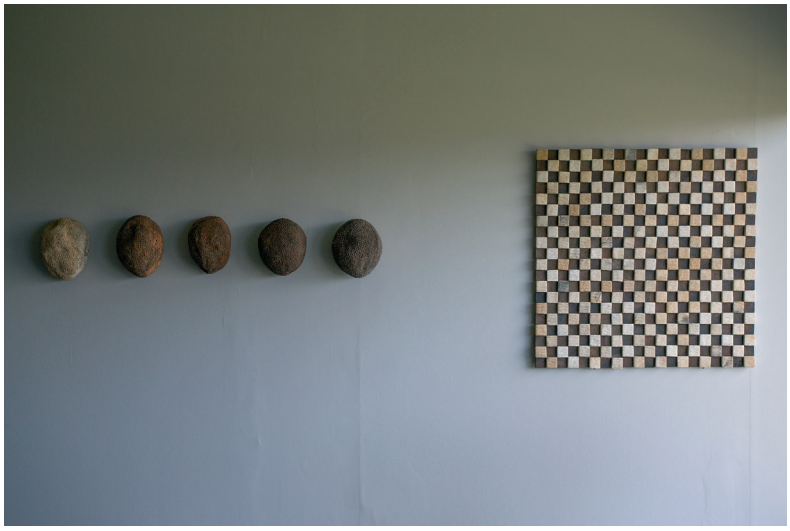
Floresta Portuguesa
Técnica da lastra e cilindro, grês, cozedura 1200°, com redução
4000x4000x30cm - 2008

Rui Pinheiro - Vouzela
Impressão Epson Premium Photo paper 260gr Fto
100x100cm - 2018

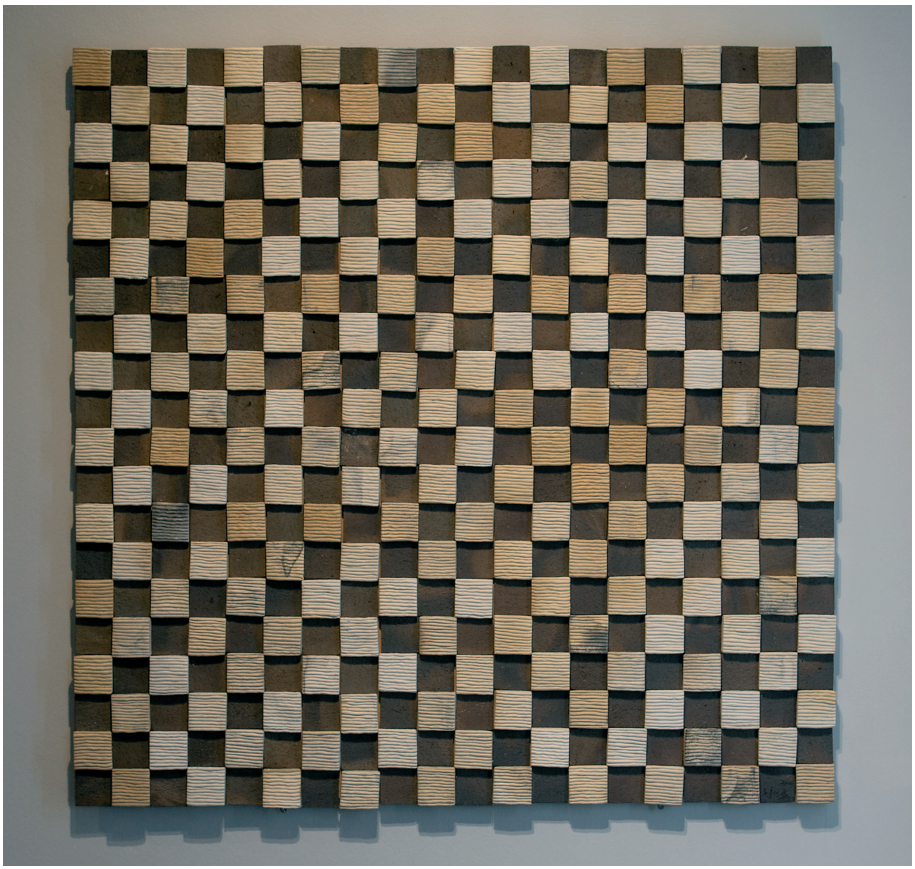
Galeria Municipal Vieira da Silva

Galeria Municipal Vieira da Silva

Colmeias
Grês, técnica do rolo e bolas, cozedura a 1100°, forno de lenha
27x17x155cm - 2009



Galeria Municipal Vieira da Silva



Regresso às origens
Técnica da lastra, grês, cozedura a 1100°, forno de lenha
100x100x3cm - 2016

Galeria Municipal Vieira da Silva

Percursos sonoros
Técnica da lastra, grês e porcelana, cozedura a 1250°, forno de lenha
61x19x23cm - 2017

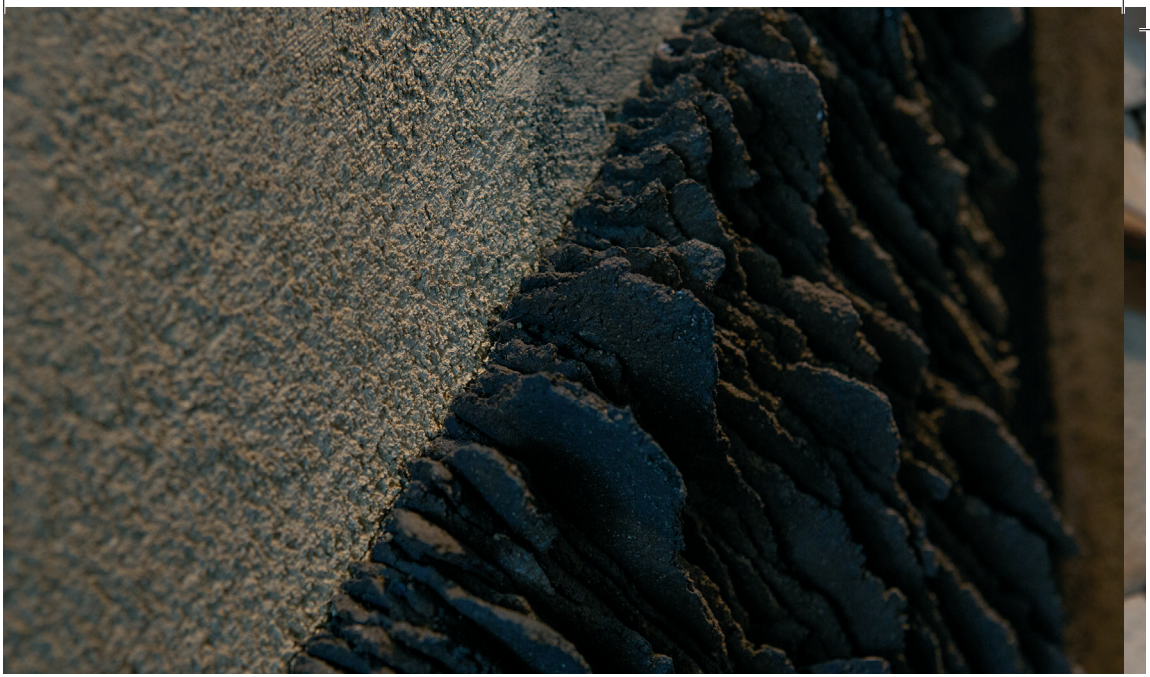
Percursos sonoros
Técnica da lastra, grês e porcelana, cozedura a 1250°, forno de lenha
84x23x20cm - 2017

Galeria Municipal Vieira da Silva

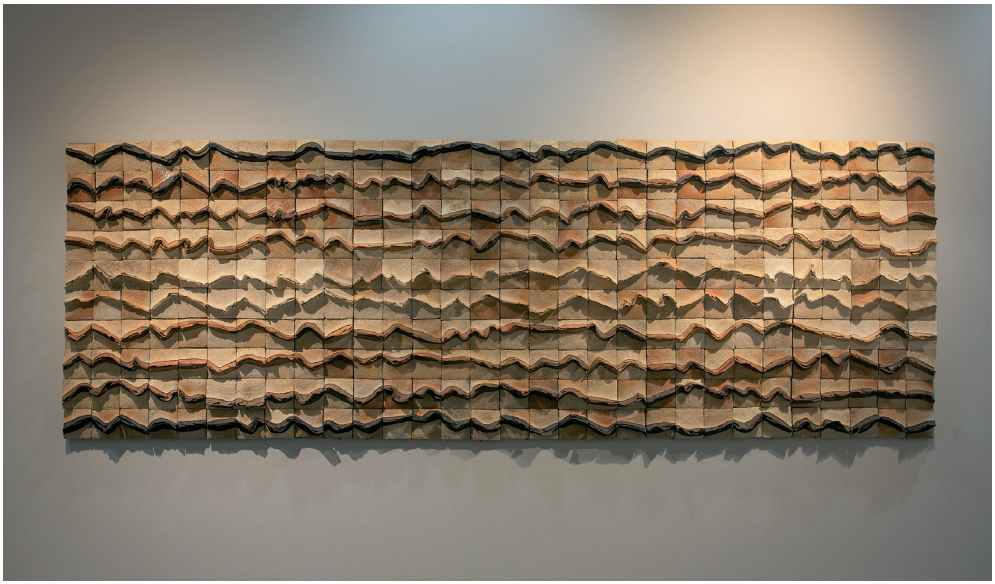
Pequena deambulação
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1200°, forno de lenha
55x55x3cm - 2017

Deambulando
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1200°, forno de lenha
102x153x3cm - 2017

Briada (caminhada)
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1200°, forno de lenha
120x58x4cm - 2018



Regresso às origens
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1100°, forno de lenha
40x40x10cm - 2016



Carrabochos (carreiros sinuosos)
Grês, técnica da lastra, cozedura a 2100°, forno de lenha
300x100x5cm - 2018

Deambulando
Grês, técnica da lastra, cozedura a 1200°, forno de lenha
225x55x10cm - 2016

Galeria Municipal Vieira da Silva

Sofia Beça

Fotografia: João Lima

Membro da Academia Internacional de Cerâmica.

Desde 1997 que expõe em: Museu de Olaria de Barcelos; Museu de Cerâmica das Caldas da Rainha; Galeria Sargadelos, Madrid e Barcelona, Espanha; Sala Barbasan, Zaragoza, Espanha; Amakusa Ceramic Art, Hondo, Japão; Posada del Potro, Cordoba, Espanha; Galeria de Arte do Museu Martins Sarmento, Guimarães; De Galerij van De Lawei, Drachen, Holanda; Sala de exposições Caja Duero, Valladolid, Espanha; Museu Nacional de Cerâmica Gonzalez Marti, Valência, Espanha; Museu Nacional do Azulejo, Lisboa; Museu Amadeu Souza Cardoso, Amarante; Museu da Cidade, Aveiro; Museu de Cerâmica de Muel, Zaragoza, Espanha; Sidi Kacem Jélizi, Túnis, Tunísia; Gmunden, Áustria; Opera House, Cairo, Egito; Muzeo Internazionale delle Ceramiche, Faenza, Itália; Keramik Westerwald, Alemanha; Museu Arte Nova, Aveiro; Museu do Design de Barcelona,

Espanha; Museu de Artes Decorativas, Madrid, Espanha; Bornholm Art Museum, Dinamarca.
Tem representado Portugal nos seguintes simpósios:
Amakusa Ceramic Art, Hondo; Japão, VII Simpósio de Cerâmica de Avellaneda, Buenos Aires, Argentina; I Encontro Internacional de Arte de Culla, Valência, Espanha; 7º Symposium Of Artistic Ceramics for Mediterranean Countries, Volos, Grécia; 6º Edição do Salão Ceramique 14, Paris, França; *Troisième Internationale de la Céramique d´Art*, Túnis, Tunísia; Keramik Symposium Gmunden, Áustria; 14º Simpósio Internacional de Ceramica, Dahab, Egito e Simpósio Internacional de Cerâmica em Eskisehir, Turquia; Goseong International Ceramics Festival, Coreia do Sul; 6º Simpósio Internacional de Ceramica, Sfax, Tunisia; 6º Simpósio Internacional de Cerâmica em Changchung, China; Residência Artistica Internacional "Blanc du Chine", Dehua, China; 1º Simpósio Internacional de Cerâmica em Gavrilov - Yam, Rússia; Residencia Artisitica Internacional Studio Ceramic, Jingdezhen, China; 1° Doumu Sanbao International Ceramic Art, Qianshan, Anhui, China.

Prémios:
Menção Honrosa na Bienal Internacional de Manises, Espanha; 1º Prémio de Cerâmica Mural, L`Alcora, Espanha; 2º Prémio na VII Bienal de Cerâmica Artística de Aveiro; 2º prémio da IV Bienal de Ceramica Marti Royo, Espanha; Menção Honrosa na VIII e na X Bienal de Cerâmica Artística de Aveiro; 2º Prémio do XV Concurso Internacional de Valladolid, Espanha; 1º Prémio de Cerâmica Internacional de L´Alcora, Espanha.
Realizou diversos murais para habitações particulares e para espaços públicos, em Espanha e Tunísia.

Jorge Queijo

Jorge Queijo nasceu em Trás-os-Montes e reside no Porto. Músico, compositor, artista sonoro e formador/educador, é licenciado em *Jazz* pela Escola de Música e Artes do Espectáculo do Porto e concluiu o mestrado em Music Leadreship pela Guildhall School of Music and Drama de Londres.

Desenvolve a sua atividade musical entre o rock, o minimalismo repetitivo, drones complexos e a improvisação.

Compõe música para teatro, dança, vídeo, instalações sonoras e espetáculos infantis. Criador da instalação *Blind Box*, sobre a importância do som em percursos efetuados por cegos e do espetáculo *1.12 mm in the brain* baseado em experiências com Ressonâncias Magnéticas e Encefalogramas apresentado em Londres.

Colabora com o serviço Educativo da Casa da Música na concepção e realização de *workshops* de Gamelão e percussão bem como na criação de espetáculos infantis e com comunidades desfavorecidas que têm menos acesso ao mundo artístico. Desde 2013 é formador no Tokyo Bunka Kaikan no Japão, onde está a implementar um Serviço Educativo tendo como modelo o Serviço Educativo da Casa da Música.

Rui Pinheiro

Rui Pinheiro estudou fotografia, cinema e jornalismo entre Coimbra e o Porto. Colaborou em publicações nacionais e internacionais, como a BluePrint, Dna-Diário de Notícias, Télérama, Flanzine, Vice, People@pt, Jornal de Letras, Nau XXI, Epicur, Diário Digital, Ípsilon, TSF online, Design Curial, Domus, Epicur, Jazz.pt, Arkitekten, Domus Web, Arq'a, Homeland, News from Portugal (14º Exposição Internacional de Arquitectura de Veneza), Puro Cinema, Galeria Solar, Elipse da Duração, Densidade de Miguel Palma.

Expõe trabalho regularmente em exposições coletivas e individuais, tanto em Portugal como no estrangeiro. Vive e trabalha no Porto.

Ficha Técnica

Edição
Divisão de Cultura
Departamento de Cultura, Desporto e Juventude
Câmara Municipal de Loures

Design Gráfico
Divisão de Atendimento, Informação e Comunicação

Fotografia
Rui Pinheiro

Música
Jorge Queijo

Texto
Alejandro Ratia

Impressão e Data
Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda. - Maio 2019
300 exemplares

ISBN
978-972-9142-57-4

Depósito legal